



ODYLO COSTA, FILHO

Um adeus de Lisboa a Odylo Costa, Filho

por JOSÉ CARDOSO PIRES

*Fazendo selas para os cavalos de
[Dona Mariana,
Gibões para os vinte e um vaquei-
[ros de Dona Mariana*

(...)

(...) *Daqui partiu o meu avô (...)*

(...) *Com os seus livros, a cavalo,
[até o rio.*

Odylo Costa, Filho, continua o ciclo dessa emigração. As fichas biográficas recompõem-lhe o rastro de estudante no Rio e depois, já licenciado em Direito, como jornalista que irá alcançar o mais alto prestígio como renovador da moderna imprensa brasileira. Pego numa dessas resenhas, percorro datas, alinhio títulos:

COSTA FILHO, Odylo — n. 1914.

(Continua na página central)

«Foi nestas terras que meus avós plantaram a casa» — diz-me aqui Odylo Costa, Filho, num dos belos e já saudosos poemas do Maranhão que intercalou em *Tempo de Lisboa*. Escreve-o junto de nós, neste lado do oceano, e fá-lo realmente entre duas saudades: a de Portugal, «povo que — como ele conta — põe flores na cabeça dos bois que vai vender e nomes de mulher nos barcos em que vai morrer» e, escrevendo, estende a

memória à pátria distante, ao grande rio da infância nordestina, com as suas gaiolas de buriti, seus coqueiros, crepúsculos, suas lendas derramadas pelo mato.

*Neste areal, recorda ele, meu bi-
[savô Tenente Zuza*

*Afogava a energia dos braços que
[abriam valados*

*Fazendo sapatos para minha avó
[Dona Mariana calçar,*

Adeus a Odylo Costa, Filho

(Continuação da 1.ª página)

Redactor do *Jornal do Comércio*; fundador e director do semanário *Política e Letras*, quadro de redacção do *Diário de Notícias* e director da *Noite e Rádio Nacional*. Depois elemento preponderante na remodelação do *Jornal do Brasil*; depois director da *Tribuna de Imprensa* e da notável revista *Senhor*; passa ao *Cruzeiro Internacional* e dali à redacção do *Jornal do Brasil*. Secretário de Imprensa da Presidência, no governo de Café Filho, e Superintendente das Empresas Encorporadas no Património da União. Crítico literário. Ensaísta distinguindo com o Prémio Ramos Paz, da Academia de Letras do Brasil. Em 1944 publica *Distrito da Confusão*, em que faz a crítica ao regime ditatorial do país. Poeta — uma voz tranquila e decantada que se ouve pela primeira vez no *Livro de Poemas de 1935* (ao lado de Henrique Carstens) e que só muito mais tarde e aqui mesmo, Portugal, reaparecerá num admirável volume: *Tempo de Lisboa e Outros Poemas*. Uma parte da ficha do escritor encerra-se assim, com uma despedida. Um homem que veio da outra margem do Atlântico, carregando livros e amor pela literatura, deixa-nos agora a mais sólida e mais humana demonstração de amizade: poemas novos, daqui, e uma novela da pátria.

Uma novela (diga-se) que tem a frescura constante das coisas naturalmente originais. E a esse livro, que se chama *A Faca e o Rio* (instrumento do homem, morte primária ou inauguração do pão quotidiano) *«E o Rio»* (viagem e aventura, artéria da abundância) a esse livro quis Odylo Costa, Filho, ligar um testemunho do país que o acolheu e que ele tão empenhadamente fez por compreender e partilhar. Falo de alegoria *A Invenção da Madeira* que acompanha a nova edição de *A Faca e o Rio* e pergunto-me que adeus mais discreto e mais caloroso poderemos alguma vez receber de quem nos visita e se fez nosso. Repare-se: é uma obra de criação, não uma página de cortesia, um trecho formal. Para lá de uma data ou de uma experiência que a História Literária vai registar, o que fica é uma peça literária, a palavra definitiva de um novelista que encontrou em nós calor e inspiração. Portanto, a autenticidade desta despedida tem outra dimensão; obedece a um impulso interior e a uma comunhão com a realidade que se traduziu em obra de ficção, isto é, em verdade sentida e recriada. O perfil do português, a sua ossatura plebeia, é pois um novo tema que o novelista introduziu na sua obra e comprova o apaixonado desvanecimento com que o diplomata serviu a sua missão de amizade e como, dentro dela, o officio de escritor lhe atribuiu maior significado humano e uma nova projecção. O português que, segundo Odylo Costa, Filho, «é tão sóbrio que com um pedaço de broa e um gole de água se sustenta; que nas costas carrega a pedra e com a pedra faz o muro; que á força de braços carrega a terra e com a terra enche o côncavo» o português assim, não desdenha dos heróis de Torga e Aquilino, narradores da gesta lusitana, porque foi estudado com amor e sincero encantamento. Tem a mesma obstinação animal, dureza de fraga; é um obreiro diligente de grandes arrancadas, um aventureiro sem eloquências, pequeno e escuro no seu apagamento. Um ser definido pelo essencial.

E a elementaridade das outras figuras de Odylo Costa, Filho? As dos *Pretos da Capela Velha*, por exemplo? Ou a das personagens da *Faca e o Rio* ou a da apurada escrita de toda a sua poesia?

Raquel de Queiroz, Luís Delgado e Gilberto Amado apontam essa característica a propósito da paixão e morte de João da Grécia, figura maior da novelística brasileira contemporânea. Helena Cidade de Moura foi mais longe, a meu ver, quando detectou num cântico assim, tão límpido e tão primitivo, uma ligação com o Transcendente. Aí, sim, encontro um ponto de partida que pode levar a uma interpretação de conjunto onde as capacidades de pormenor e certas seduções de primeira água se encontram fundamentadas e interdependentes.

Na realidade, para mim o que

domina em *A Faca e o Rio* é aventura predestinada, como nas odisséias bíblicas, a consecução de uma marcha terrena superior á vontade do homem. Por isso é focado na sua condição mais primitiva, puro ao cabo e ao resto, e orientado para a pureza das forças elementares que se coroam nos distantes horizontes do sobrenatural. Daqui o desejo de punição e o carácter provisório da vida que, nos mártires dos livros santos, tem a iluminá-lo as labaredas da pregação ou de uma fé, e que no caso do mártir de *A Faca e o Rio*, é o instinto e o código de uma dignidade que comanda. João da Grécia, ex-cativo, cumpre as diversas etapas de uma destruição a que se sabe votado e a que não tenta escapar. Desce o Amazonas de balsa: 50 léguas que galga como um animal migratório que vai ao encontro dos prados da abundância. Enriquece, luta, e tudo vence com a necessidade imediata de preencher, marco a marco, um roteiro que o conduz ao alvo irrecusável.

Aparece na novela, saído de uma tempestade de três dias e três noites, e carregando nos braços Deodato, o filho de criação. Vem do dilúvio, por assim dizer, renascido da escravidão. Traz força e semente com ele, e vai iniciar o seu calvário, cruzando longas distancias, subindo e descendo a selva. A morte é o seu norte: Maria. E vão ambos, homem e mulher, levando-a por companhia. Perseguidos por soldados, cortados no caminho por homens de lei e conselhos de prudência, nem assim abandonam a morte, que têm de executar — já sem ódio, sem discussões, antes com mágoa e amor, arrastados por uma aragem de fatalidade. A faca que salva o caboco das ciladas, a mesma que lhe dá o sustento e se elege afinal como símbolo de dignidade, enterra-se no coração da bem-amada. João da Grécia cuidou dessa lamina com a veneração que se tributa a um instrumento de liturgia: escolheu-a de aço reluzente, cabo de prata, do preço de três bois. Todas as noites abria a arca para a contemplar, e assim fechava mais uma jornada do casal que marchava em demanda da morte.

Até que o acto se consuma — e já não é vingança nem desespero mas um gesto que decorre como corolário do próprio acto do amor. Maria «conta a novela», não se chega a vestir. *A faca entra abaixo do scio esquerdo, ela não dá um gemido, apenas escancara os olhos como se fosse engolir o mundo. Sete vezes João da Grécia mete o punhal para ver se faz correr o sangue que derramou...*

Deste modo, a representação do drama ganha uma transfiguração simbólica. A rudeza, a generosidade e também o sentido de sacrificio (de imolação, para ser mais preciso) consubstanciam-se de tal maneira neste acto que o revestem de significado superior. Um ritual primitivo que se executa em obediência a um reduzido código de valores que ultrapassam o homem.

Tudo isto, parece-me, ajusta-se maravilhosamente ao tom «presencial» da narrativa, ao clima de «revelação» em que se sucedem os acontecimentos mais brutais e dolorosos. Tudo ganha então uma dimensão mítica: espaço e tempo alastram-se, perdem-se como nas parábolas dos Testamentos, com as suas distancias bravias e as suas jornadas em numeros simbólicos, os seus mercados, juizes e soldados. Mas o milagre deste livro é que, para tanto, a verdade exacta chegou de sobra e que nada foi obtido com recursos de alegoria, com ornatos formais ou com transposições de belo efeito. Pelo contrário, a esquematização linear do texto, o realismo directo e objectivo e a ausência do retórico (tão citada a propósito de Odylo Costa Filho) é que dão a pujança extraordinária e o carácter genésico desta novela. O irreal, se quiserem. O sabor agreste de uma prosa retalhada a gume de faca antiga, e deliberadamente modesta.

Claro — agrada-me insistir neste ponto — um estilo assim, de tão certa qualidade, tem raízes na temática e na visão do homem que o autor professa. É uma escrita sábia e inconfundível e permanece em tudo o que conheço de Odylo Costa Filho, porque em tudo, prosa e poesia, existe um afineco em descobrir a condição elementar do indivíduo — sentido de paternidade, família, sucessão

de gerações, etc. — e por isso são forçosamente elementares as palavras escolhidas, rigorosas como pão, vinho ou faca mas contendo em si mesmas uma densidade poética capaz de as transfigurar. De resto, essas «razões de estilo» é ainda o próprio Odylo-poeta quem melhor as define e, como sempre, em termos simples e carregados de gestação:

Assim, amigo, desejaria eu escrever:
[ver:
como um galho de árvore seca
entretanto húmido da noite.
(...) Despreocupado e quotidiano
[como a conversa
dos que não sabem que em breve
vão morrer de repente.

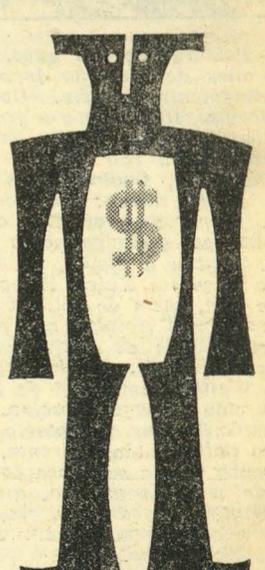
O receituário é claro mas difícil de seguir-se — e repare-se: nesta profissão de escritor, a morte sobre o quotidiano é ainda o ponto de referência. Uma vez mais aparece como símbolo tutelar. Só vindo nela a remissão — depreendo eu — e por isso amando a vida com humildade é possível atingir a pureza da palavra justa e a tempo próprio. A morte, portanto, como concórdia final. A pedra e a cruz. Paz para todos os desencontros. Aí temos um módulo que torna inconfundível a obra de Odylo Costa Filho, desde o assunto ao desenho da escrita, e que traduz ao mesmo tempo uma sólida unidade interior. Se cada escritor tem a sua organização pessoal do grande espectáculo do mundo, e se o seu talento é tanto mais autêntico quanto mais harmónica e particular for esse ângulo de observação não há duvida que o autor de *A Faca e o Rio* e do *Tempo de Lisboa*, nos traz uma realidade inconfundível e coerente — um outro lado do Brasil tão fabuloso como o de Guimarães Rosa e tão austero como o de Mestre Graciliano.

Temos junto de nós Odylo Costa Filho — assim tão despreocupado de aparências de circunstancia como despreocupada na aparência é, a sua prosa mineral; duro e recolhido num seco apagamento e de subito aberto numa gargalhada sadia e franca. Ele vai deixar-nos mas ficaram-nos os seus admiráveis livros para o reencontrarmos. Têmo-lo lá a cada página como partidário da simplicidade e dos humildes, e generoso de compreensão.

Que mais se pode pedir a um escritor que nos dá bons livros, e tão lealmente que se guardou, íntegro, dentro deles para o termos sempre á nossa mão?

JOSÉ CARDOSO PIRES

(Palavras proferidas na abertura da sessão de autógrafos de Odylo Costa Filho, na Livraria Divulgação, em 24 de Abril)



L. L. MATHIAS
A AUTÓPSIA DOS ESTADOS UNIDOS

um livro-chave para a compreensão da vida americana que a guerra do Vietname torna ainda mais actual.

3.ª edição / 40\$00

EDITORA ULISSEIA